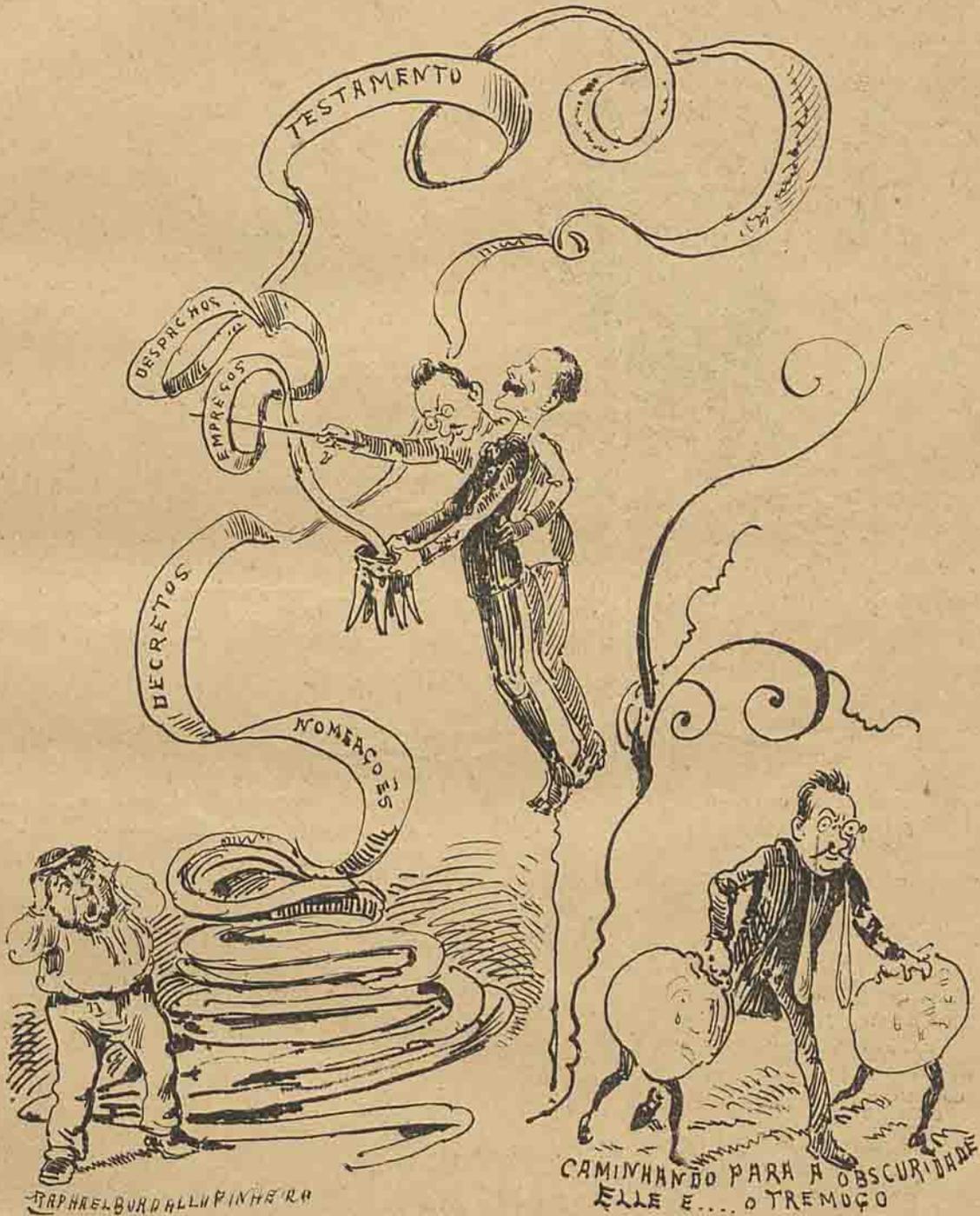


O TESTAMENTO



— O tal testamento é que é uma verdadeira *medida elastica*. E no meio de tanta fita eu é que fico de-
veras *embrulhado*...

THEATRO DE S. CARLOS



CHRONICA

O novo presidente do conselho afirmou no parlamento que o ministerio seu antecessor cahira por lhe faltar a confiança da corôa.

Ora, esta corôa, saíta aos olhos que não pôde ser outra senão a do sr. Fontes, a verdadeira, a unica que superintende nos negocios d'este reino.

Effectivamente a referida corôa, nos ultimos tempos, abandonava muito o ministerio demittido.

O maldito capacete de plumas dos novos uniformes veiu fazer á corôa uma concorrência tão damninha como a Senhora do Sameiro faz ao seu visinho Bom Jesus de Braga.

O sr. Fontes, a quem a natureza imprevidente concedeu apenas uma cabeça—quando elle tinha miolo para muitas mais—não podendo trazer ao mesmo tempo a corôa de bicos e o capacete de plumas, começou a usar alternadamente áquelles dois tapiços.

D'ahi, a corôa, justamente despeitada por essas deferencias concedida ao seu competidor, retirou a confiança ao sr. Fontes, e, já que não podia privar-o do penacho do capacete, arrebatou-lhe em desforço o penacho do ministerio!

Isto é authenticico.

O que, porém, não é menos verdadeiro e convém que se registre, é que não foi apenas o incidente da corôa quem pregou com o ministerio de cangalhas.

As honras do trambolhão devem-se por igual á sarrafusca de Braga e Guimarães (auctor Bailio de Malta) e ao projecto dos impostos de borracha auctor) mancebo que não ri.)

Não attribuamos toda a gloria do facto á pessoa do sr. Fontes, como a historia errada e exclusivamente attribue a Sansão a derrota dos philisteus!

Lá que Sansão era muito teso, para dar cabo de

tanta gente, armado apenas d'uma caveira de burro, não damos a menor duvida.

Mas, o que ninguem igualmente contestará, é que a tal caveira de burro era tambem de muito boa tempera para não se quebrar, como não se quebrou, nas unhas d'aquelle brutamontes!...

Pois, na queda do ministerio, fiquem sabendo que Hintze & Bailio, foram a caveira de burro de Sansão Pereira de Mello...



A queda do ministerio foi gaudiosamente festejada pelos partidos de todas as cores politicas, incluindo o proprio partido regenerador!

Tendo dado a sua demissão, o sr. Fontes deu logo em seguida um lauto jantar, um excellente concerto e uma animada *soirée* a que assistiram todos os seus collegas do ex-gabinete.

Quando já não podiam dar á lingua no paço da Ajuda, fartaram-se ao menos de dar á perna em passo de dança...



Em quanto os progressistas festejavam a queda do ministerio com telegrammas de parabens e foguetes de tres respostas, o ministerio cahido festejava a mesma coisa com kilogrammas de bolos sortidos e foguetes de confeitos.

Faz lembrar o sujito que cahiu tão grotescamente n'um charco de lama que elle proprio desatou a rir do ridiculo da cambalhota...

A não ser como expressão de gaudio, a festa do sr. Fontes, coincidindo com a demissão do ministerio, só se explica então no facto de querer s. ex.ª fazer a bocca doce áquelles de seus correligionarios que não poderam entrar no testamento por se ter exgotado o papel á venda em todas as lojas de Verissimos Amigos.

Não lhes podendo dar um cantinho rendoso á meza do orçamento, s. ex.ª dá-lhes um cantinho de pão com manteiga á mesa do seu chá familiar.



O que o sr. Fontes não quer é perder tão valiosos amigos; se já não pode repartir com elles o bolo dos cofres publicos, reparte ao menos o especieiro dos sal-cifres particulares.

Generoso coração! Que o ceu te proteja e que os amigos te paguem em dedicação no futuro o que te houverem comido margarina nas fatias!

Já que fallámos em amigos, vem a pello memorar ao sr. ministro das obras publicas a sua bella phrase dos *nossos amigos*, quando aggreidia o ministerio transacto e se referia ao sr. marquez de Vallada.

Agora, que está com a faca e o queijo na mão, sempre queremos ver se não dá, ao menos uma côdea, a algum dos taes *nossos amigos*...

Olhe lá se se deixa seduzir por algum *bailio* do seu partido e o sr. Barjona depois lhe exproba como toneladas de rasão:

—Ninguem pode dizer d'esta agua não beberei e d'este amigo não provarei...



No proprio dia em que cahia o ministerio do nosso chancellor de ferro, fomos encontrar, tambem cahido, o sumidoiro d'aquelle mesmo metal, que se encostava ao canto da igreja na calçada do Sacramento!

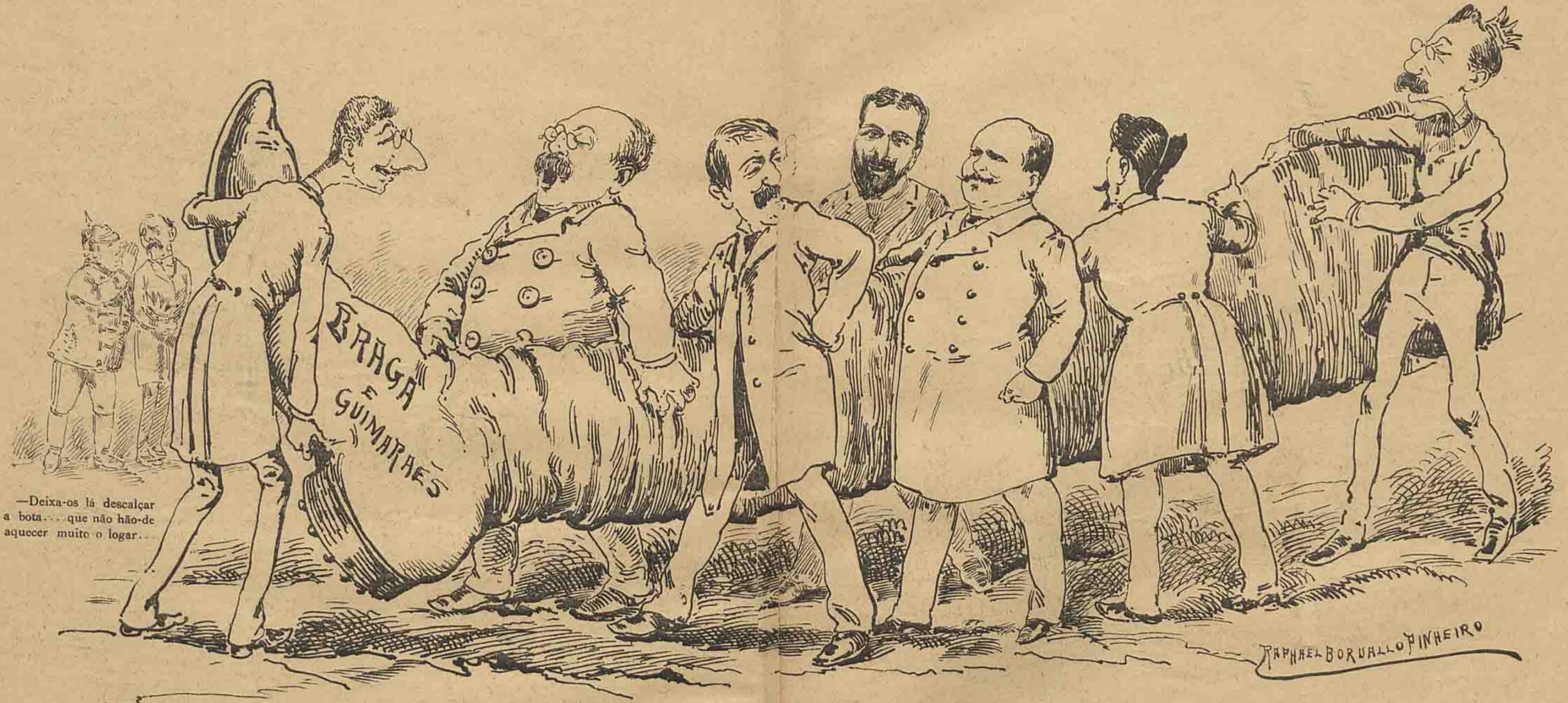
Nós, que já verteramos uma lagrima sobre o cadaver do illustre gabinete, vertémos ainda outra sobre o esqueleto d'este gabinete modesto, que, seja dito de passagem, igualmente *de passagem* muitas vezes nos prestou serviços hem mais relevantes de que o outro...

A' morte de ambos consagramos o mesmo epitaphio:

Cahiram no mesmo dia!
O ministerio em S. Bento;
E o sumidoiro que havia
Na igreja do Sacramento:



O NOVO INISTERIO



—Deixa-os lá descalçar a bota... que não hão-de aquecer muito o logar...

O governo do sr. Fontes declarou-se impotente stante haver-lhe applicado cuspo o sr. Bailio e ter-lhe O partido progressista offerceu-se para realizar Que demonio de unctura lhe dará elle?...

descalçar a bota de Braga e Guimarães, não ob- manteiga o sr. Peito de Carvalho. cil operação de descalçar a bota.

Em telegramma de Caminha para as *Novidades* communicam que uma philarmonica percorreu a villa, «dando-se entusiasticos vivas aos progressistas vexados pelos arrombamentos.»

Não sabemos que arrombamentos seriam estes em *Caminha*, que deixaram os progressistas como heter-rabas de vexame, mas é de crer que a auctoridade administrativa, com o respectivo subdelegado de saude, tenha já procedido a auto de corpo de delicto na pessoa dos vexados.



Escreveu as *Novidades*:

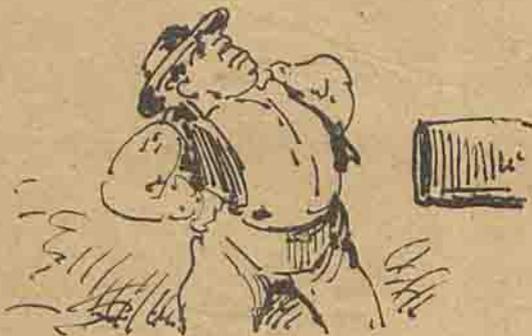
«A hora não é para hesitações ou palliativos. E' mister resolução energica.»

Commentou o *Correio da Manhã*:

«Então vae toda a artilheria para Braga?»

Consideramos nós:

Isso era inutil: No tempo do governador Bailio até lá esteve artilheria de carregar pela culatra e ninguem em Braga abaixou a proa de medo.



Já lá está patrão da barca
Cyrillo, o ministro novo;
O que tosava o monarcha
Por pôr a albarda no povo.

Tereis em breve, não tarda,
De Cyrillo a protecção;
Vae tirar ao povo a albarda...
Para lhe pôr... o albardão...

PAN-TARANTULA.



THEATROS

Os theatros parecem uns caranguejos.

Nas ultimas semanas não teem feito senão andar para traz, resuscitando todas as peças do velho repertorio.

Morgadinha de Valfior, Dama das Camélias, Maria Antonieta, Lazaristas, D. Cezar de Basan, Trez Dragões, tudo peças, emfim, dos tempos em que o Silva Pereira ainda tinha bigode!

O caso porem é que essas peças, velhas como são, valem bem mais de que muitas novas que por ahí nos apresentam.

É o caso da Anastacia Peralvilha, em que uma perna da mãe valia as duas da filha...

D. Cezar de Basan é effectivamente uma comedia magnifica e que Augusto Rosa representa com um primor inexcédível.

Citamos apenas Augusto Rosa porque o seu papel é o unico importante, a verdadeira alma da peça.

Todos os mais artistas, de meritos muito superiores á mediocridade dos personagens, como João Rosa, Emilia Candida, Amelia da Silveira e Virginia, é claro que os representam magistralmente.



Os Trez Dragões, uma peça muito disparatada mas que faz rir a valer, deram-nos ainda outra debutante.



Chama-se Isaura, é filha de Aveiro, tem na voz a doçura dos ovos moles da sua terra e nos olhos o que quer que seja de estimulante, como os mexilhões da mesma nacionalidade.

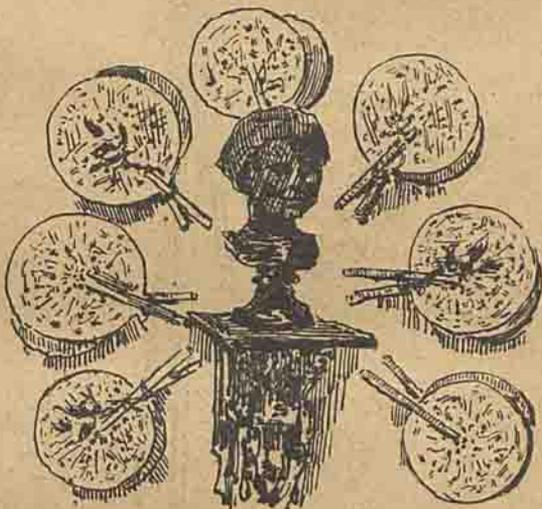
Que Deus Nosso Senhor a proteja e o Francisco Palha lhe faça o que o sr. Hintze queria fazer ás contribuições: puxe por ella. Mas puxe devagarinho, não lhe vá succeder o mesmo que succedeu ao ex-ministro.

De mais a mais a rapariga não é de borracha, como as taes contribuições.

A EXPOSIÇÃO DA FABRICA DE FAIANÇAS DAS CALDAS DA RAINHA



BILHAS VELHAS
(Secção dedicada ao sr. Fontes)



«PORTE-LETTRES» DE ABANOS
(Secção dedicada ás Dulcineas dos municipaes)



AGIOTA E SAPATOS PARA PENDURAR
(Secção dedicada aos donos de casas de prego)



PRATOS DE COUVES, ALHOS, MOLLUSCOS, ETC.,
(Secção dedicada á revista *Pontos nos II*);
«Alho alho caracol e couve...»



Quando ha dias regressavamos a casa deparou-se-nos estatelado no chão do nosso atelier, o corpo inanimado d'um formosissimo veado, morto á bala na serra de Gerez e com que nos presenteava o sr. José Arantes, de Amares, um illustrado cavalheiro que não temos o gosto de conhecer pessoalmente mas por quem sentimos uma affeição como se o conheceramos de pequenino.

Tendo chorado copiosas lagrimas sobre o cadaver do formosissimo bicho—antes de o provar—assim que o comemos continuámos a chorar... por mais. Sempre que o sr. Arantes commetta algum veadicidio pedimos-lhe a fineza de se lembrar da nossa caçarola.

O ASTROLOGO



— Camara dissolvida... eleições á porta...
 .. Vejo carneiro com batatas no horisonte!...